

MEMÓRIA



O POETA JOSÉ DÉCIO VISTO POR D. TOMÁS

D. Tomás Balduino, irmão de José Décio Filho, em depoimento gravado concedido a Célia Sebastiana Silva. O texto aparece originalmente na dissertação de mestrado *José Décio Filho: um Poeta no Além-Fronteiras*, defendida em 2000 na UFG.

Primeiro, falo da minha limitação com relação a José Décio, por que eu fui para o seminário cedo. Tinha 13 anos quando migrei da minha família para o seminário, ainda morava em Formosa, segunda moradia, pois antes morávamos em Posse. E essa limitação continua. Minhas ligações com José Décio foram, assim, esporádicas, mas dá para perceber alguns lances. Primeiramente, muita vivacidade. É um homem, assim, no que tenho da presença dele na infância, extremamente crítico, irônico, com críticas, às vezes, muito mordazes em relação a outros irmãos e irmãs, sem falar da sociedade.

Ele começou a ter alguma perturbação psíquica desde muito jovem. No tempo em que ele foi trabalhar no cartório, meu pai era juiz e o empregou como escrevente. Naquele tempo da pena, em que a pena deslizava sobre o papel e ele começou a ouvir aquilo seguido. À noite, ele acordava a gente, acordava os outros porque estava escutando alguém escrever. Isso é já um pouco de sensibilidade, de hipersensibilidade. Isso caracterizou um pouco a vida toda dele. Um homem com uma ebulição criativa dentro dele e, ao mesmo tempo, esse limite tênue entre o equilíbrio e o desequilíbrio.

Ele fez o liceu em Goiás e foi onde ele teve, assim, o primeiro caso de perturbação com relação a uma brincadeira de jovem que vai à quiromante para ler a sina e, então, parece que leram que ele morreria logo e aquilo o perturbou muito. Então, ele teve, assim, a primeira crise de estranheza para o grupo.

Depois, várias cenas que se sucederam até com violência, confronto com a polícia. Ele era muito corajoso e ao mesmo tempo não media as consequências, depois a bebida. Ele bebia muito. Era um homem inquieto, um homem assim preso no emaranhado do psíquico e de si mesmo. Bom, esse foi um lado em que até eu mesmo como padre tive que ajudar a família no sentido de encaminhar tratamento a ele, embora difícil, pois ele era muito conhecido pelos médicos e muito estimado e, por outro lado, temido, sobretudo, dentro da família e isso fez com que ele se isolasse um pouco.

O lado assim poético de José: Bom, ele não teve um diploma legal, justamente devido a essa inquietação dele. Ele era jornalista, mas assim do tipo de pessoa que se consagra ao trabalho da imprensa, sem a parte da formação acadêmica. Ele vivia isso intensamente, com muita força, com muita energia interior. Ele é um autodidata, mas é um homem assim dotado de muita acuidade intelectual, de uma memória muito feliz, muito capaz de reter tudo que lia. Lia muito, um grande leitor, um devorador e sabia selecionar o que lia. Eu até conversando com o Octo Marques, quando eles eram companheiros de república, eram montanhas de livros que eles iam lendo assim, os dois. E o Octo Marques me contando isso, confere um pouco com o que a gente acha, mesmo privando com José. Ele é uma figura assim invulgar em termos de conhecimentos na linha da literatura, da filosofia, da sociologia e uma grande curiosidade investigativa, de busca. E eu sei porque, recém-chegado dos meus estudos teológicos e filosóficos, ele me procurava, a gente entrava naquelas longas discussões e aqui em Goiânia, ele me levou a freqüentar as rodas de intelectuais daquela época. Assim como quando ele era sócio da ABI, quando eu vinha de Conceição do Araguaia trazendo projeções de povos indígenas daquela região, ele sempre procurava momentos de troca de idéias com os companheiros. Era de grande interesse.

No lado político era muito engajado, eu acho que não na linha político - partidária, embora sempre militante de esquerda. Eu não sei até que ponto ele foi filiado a algum partido, sobretudo, o Partido Comunista, devido ao meu conhecimento esporádico. Mas ele sempre foi um homem livre, independente, intolerante com a mediocridade, sobretudo, desses burocratas, desses profissionais de partido, de grupos políticos. De modo que a atuação dele, a militância era que muito combativa, foi nesse sentido que ele se ligou muito a Mauro Borges. Antes ele tinha se ligado a Pedro Ludovico devido à criação de Goiânia, ele assessorava muitos políticos que precisavam de um discurso, de um texto. Ele tinha muita facilidade para isso, muito dom literário, muita precisão e propriedade de termos e aquilo era inato. É como o poeta que não só tem a criatividade, mas as palavras fluem com muita naturalidade, sem rebuscar, sem estar caçando, sem estar burilando.

Agora, a poesia dele era a expressão desse universo, ou então, do universo que interagia dentro dele como uma força. Era um homem de muita interioridade. Mais do que isso, de muita solidão, com relação a uns amigos, ele sentia um senão, com a família, então, ele chegou mesmo a romper no sentido de incompreensão mútua. Eu não culpo os familiares e nem a ele porque eram caminhos que não se cruzavam bem e, às vezes, ele cobrava assim como uma pessoa que estava em situação mais frágil que pudesse ser apoiado mais. Às vezes, a mulher depende do marido e o marido da mulher, fica aquela tensão interna por causa de um irmão que foge à regra, embora na família, um ou outro elemento o acompanhou de mais perto, com mais carinho, mais compreensão, entendendo mais a situação dele. Homem extremamente despojado. Ele com essa capacidade de criar acabou perdendo a própria criação. Essas poesias dele que foram recolhidas pela Fundação da Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, depois reeditado pela caixa, então esses são versos catados aqui e acolá que ele ia perdendo, ia deixando assim com a bagagem dele, entrava numa hotel

(ele não tinha residência própria), vivia de hotel em hotel e saía quando a conta estourava. Às vezes, pediam a mala dele e ele deixava. Ele não tinha nada. Era um desapegado, um franciscano, por força das circunstâncias.

Ele não era de todo calculista, pelo contrário, avesso ao cálculo, homem assim de rasgos de visões que estava numa outra direção, de um humanismo, de sensibilidade, de comunhão com a natureza, com os animais (ele chegou a criar um lobo, ele veio me mostrar o lobo). Ele tinha funções, as pessoas tinham tanto respeito e apreço por José que ele tinha emprego por aí, mas acho que, desses funcionários, ele era o mais relapso porque cumpria menos ponto. Certamente, graças à proteção (aqui tudo acontece), pois de vez em quando ele se enveredava por outros caminhos e continuava protegido.

Ele faleceu em Goiás. Eu guardo o privilégio de tê-lo tido nos últimos dias em minha casa. Ele não estava bem: Acho que sempre que ele se sentia mais frágil, ele me procurava e não sei se fui acolhedor, adequado no trato com ele. Ele faleceu dando um mergulho no Poço do Bispo (Parece ironia, não é?). É sinal de que não estava bem. José era um homem que vivia em comunhão com a natureza, com o universo e, ele sentia necessidade... Assim como ele fazia aquele, aquele mergulho em si mesmo, em seu mundo interior e confuso e, ao mesmo tempo provocante, ele mergulhou no Rio Vermelho, no Poço do Bispo de uma vez. Começou a sentir mal, as pessoas que estavam ali por perto perceberam, mas ele nadava muito bem e não foi afogamento. Acho que foi o coração que pifou de tanto sofrer, de tanto passar por privação, de passar por tratamentos muito fortes. Acho que a figura de José é indissociável dessa vida assim tumultuada, angustiada, solitária, interrogativa, de busca. Interessante que como ele morreu na minha casa (não foi na minha casa), no meu poço, no Poço do Bispo (risos), depois eu fui olhar, ele não tinha nada. Parecia o Gandhi, quando morreu. Tinha sapato, óculos e só, mais nada, um extremo despojamento. Ele viveu sempre assim.

Ele esteve uma temporada no Rio, acho que no jornalismo e depois uma boa temporada aqui. No Rio, foi no tempo da juventude dele. Eu creio que meu pai estava com vontade de que ele se formasse em não sei o quê, em alguma coisa. E estava preocupado porque, às vezes, as notícias que chegavam dele não eram boas. Agora, com relação a mim, creio que dos irmãos, eu fui o que ele procurou assim com afeição, talvez, porque eu admirava e compreendia o mundo dele e sabendo que ele tinha uma grande inspiração mística a partir do mais profundo do ser dele. Eu pude ter um relacionamento, assim, com o mano, numa linha muito profunda. Eu, de certa maneira, me sentia um pouco espelhado nele, quer dizer, com todo meu equilíbrio de saúde, que ele não tinha, eu me seguia no mesmo diapasão daquele homem, na sua visão telúrica, cósmica, das pessoas, das coisas, a ternura com relação à beleza da natureza, um pouco talvez porque nós nos criamos no mesmo universo do cerrado e nas veredas, da serrania, saindo de Posse na direção do Planalto Central. De maneira que, talvez, eu falando dele, esteja quase interpretando, mas acredito que a poesia dele, a vivência poética dele é algo superior que não chego a alcançar. Me sinto pequeno diante do irmão, não porque ele era mais alto que eu ou mais velho (risos), mas porque realmente a personalidade dele tinha força interior muito grande.

- *Religião: José tinha referência ao Cristo porque ele conhecia o Evangelho, fazia as incursões talvez diretamente na leitura do texto, talvez através da literatura que ele bebia muito rapidamente e assimilava, mas não tinha fé, nem religião. Ele passou pela formação catequética, mas eu nunca mais o vi frequentando a religião. E o nosso relacionamento se encontrava assim mais na filosofia, na metafísica, até na teologia, mas nunca no envolvimento de fé religiosa. Ele, naturalmente, muito crítico com relação ao clericalismo. Isso faz parte um pouco da mentalidade intelectual brasileira, sobretudo, no tempo dele, em que havia um fechamento de parte a parte, tanto no clericalismo, como no anticlericalismo. José participou um pouco disso, uma*

posição um pouco dura, crítica com tentação até a uma certa superioridade, mas como eu não me enveredava por aí, sabendo da relatividade que isso significa até historicamente. Meu contato com José não era no debate polêmico. Por outro caminho, a gente encontrava nesse universo por outro caminho, uma reflexão assim em profundidade de Deus, do cosmos, da evolução da humanidade.

- Extremos poesia lúcida X loucura na vida real: Não há limite, porque o desajuste, acredito, é mais com relação a normas sociais com que ele se irritava. José se irritava terrivelmente com relação à intriga de lugares pequenos por onde ele tinha que passar, onde moravam os familiares, seja Posse, seja Formosa, seja mesmo Goiás, onde sempre o pessoal fica uns em cima dos outros, ele com essa ânsia de solidão e essa bestagem do pessoal o irritava muito. Não que ele quisesse desprezar, mas o fato de as pessoas não se mancarem o deixava mal. Ele se dava bem e eu vi pela trajetória dele no Rio, com cidade maior onde naturalmente, há mais espaço de solidão, de mergulho em si mesmo, a grande cidade protege mais as pessoas, até porque ele era um ser diferente, bastante diferente, pelo jeito estranho. Em lugar menor, ele ficava muito visado e se sentia enjaulado e se irritava muito. Talvez aqui [Goiânia], ele tenha encontrado um meio caminho, fugindo assim para várias pensões e hotéis.

Então, voltando à observação, acho que a lucidez e a loucura, ao mesmo tempo com essa hipersensibilidade, hipersensibilidade não se contrapõem, uma coisa talvez favoreça a outra e permita assim na escuridão da noite a uma clarividência muito aguda, capaz de detectar as realidades mais profundas do ser, do ser como tal, como ser humano, da ternura, do amor.

Ele teve experiências amorosas conflitivas. Eu, quando era seminarista, conheci José num desses momentos de apaixonamento fortíssimo, parecia que o mundo ia acabar. Acho que do outro lado, também, ele sabia cativar, sabia envolver, não sei até que ponto porque depois as coisas se complicam. Nunca ele

conseguiu sustentar uma relação permanente, nunca dentro do sistema, não, porque ele era avesso a isso, toda estrutura ele punha na conta da mediocridade.

Como poeta, acho que ele viveu isso desde o seio da mãe porque a gente tem, desde os nossos antepassados, essa veia poética. Em nossa ascendência está um homem como Monteiro Lobato e a gente se orgulha muito disso. Eu vejo aqui, acolá na família, assim, emergência de capacidade de expressão literária e musical.

Ele se beneficiou muito dessa busca. José, como não tinha compromissos com nada, ele mergulhou no mundo da literatura devorando tudo que via. O conhecimento dele é um conhecimento que ultrapassa as fronteiras nossas aqui. E ele ..., você conversava com ele, ele discorria sobre autores internacionais. Era da linha, mesmo, de intelectualidade fremente.

NORMAS DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

- 1 A *Temporis(Ação)*, revista anual da Unidade Cora Coralina da UEG, aceita originais sob forma de artigos inéditos e resenhas nas áreas de Educação, Geografia, História e Letras.
- 2 Os textos serão submetidos a parecer da Comissão Editorial, que poderá sugerir ao autor modificações de estrutura e conteúdo.
- 3 Os textos não deverão exceder 25 páginas, no caso dos artigos, e 10 páginas, no caso de resenhas. Devem ser apresentados em duas cópias impressas sem identificação do autor, bem como em disquete, com indicação do autor, no programa *Word for Windows*, e na seguinte formatação:
 - 3.1 fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhas 1,5cm;
 - 3.2 margens de 3 cm;
 - 3.3 CAIXA ALTA para o título do artigo ou da resenha;
 - 3.4 parágrafo com recuo de 1 cm;
 - 3.5 aspas duplas para as citações de até três linhas (não usar itálico) e para títulos de capítulos de livros, de poemas, de contos etc.
 - 3.6 citações maiores que três linhas destacadas em parágrafo separado, sem aspas, sem itálico, com recuo de 2cm, precedido e seguido de uma linha em branco.
 - 3.7 itálicos para termos estrangeiros e títulos de livros e periódicos;
 - 3.8 citações bibliográficas indicadas no corpo do texto, entre parênteses, com as seguintes informações: sobrenome do autor em caracteres normais; vírgula; data de publicação; vírgula; abreviatura de página (p.) e número desta.
 - 3.9 notas explicativas restritas ao mínimo possível e apresentadas no rodapé.

- 3.10 referências bibliográficas obedecendo às normas da ABNT e apresentadas no final do texto.
- 3.11 ilustrações - com qualidade necessária para uma boa reprodução gráfica - identificadas com título ou legenda, e designadas, no texto, de forma abreviada, como Fig.1, Fig.2 etc;
- 4 Todos os artigos devem conter resumo/*abstract* (até 150 palavras), palavras-chaves/*Keywords* (até 5) e também uma versão do título em inglês.
- 5 Os autores deverão encaminhar, em folha separada, sua identificação (nome do artigo, nome do autor, instituição de vínculo, cargo, últimas publicações e outras informações tais que) em texto que não ultrapasse 5 linhas. Na mesma folha, devem constar o endereço, o telefone e o e-mail.
- 6 Os colaboradores terão direito a 3 exemplares da revista.
- 7 Os originais não aprovados não serão devolvidos, mas os autores serão notificados sobre o parecer desfavorável à publicação do trabalho.